

FRIO  
DOMÍNIO

# Sangue-frio

Há profissões que requerem um enorme sangue-frio. Um ex-director dos serviços secretos militares, um neurocirurgião, um jogador de póquer e um controlador aéreo contam como o controlo das emoções faz parte do seu dia-a-dia

TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **LUIZ CARVALHO**

**P**edro Serradas Duarte ri-se quando lhe chamam o «007 português». Acontece-lhe o mesmo sempre que vê um filme de James Bond. No entanto, toda a vida deste comandante, director dos serviços militares de informações DINFO durante 12 anos, passou por treinar o sangue-frio. Desde a infância, no Colégio Militar, para onde entrou com 10 anos, ao treino nos Fuzileiros, com 22, e aos combates na Guiné, passando pelo trabalho como agente de informações, Serradas Duarte teve uma vida recheada de situações que o forçaram ao controlo das emoções. E, consequentemente, que lhe deram um conhecimento privilegiado do comportamento humano.

«Não é toda a gente que pode trabalhar num serviço de informações. No início, começámos por ser 12 funcionários (a seguir ao 25 de Novembro de 1975, quando o almirante Horta me convidou para chefiar a pesquisa do Serviço de Informações). Depois, crescemos até às várias dezenas, até à extinção da DINFO, em 1988. A situação política da altura era de tal ordem que não havia tempo a perder. Em 1976, no nosso país, não havia apenas ameaças, havia concretizações de ameaças — bombas da direita, as

FP-25, o KGB e o GRU (Serviço Militar Soviético) a quererem penetrar na sociedade portuguesa... Por isso, o primeiro critério de recrutamento teve de ser a confiança pessoal. Mais tarde, passámos a recrutar com base em testes psicotécnicos e na capacidade de as pessoas se concentrarem, não darem nas vistas, adaptarem-se às circunstâncias, dominarem as suas emoções... Pessoas muito emotivas, muito hesitantes ou excessivamente decididas não serviam.

As primeiras equipas foram treinadas pelos serviços secretos israelitas, em semanas. Mas a

formação e a actualização eram permanentes. A primeira coisa necessária foi inculcar autoconfiança nos oficiais de informações. Depois, era fundamental que entendessem que a base de tudo era terem uma boa história de cobertura. A cada momento, temos de ter uma justificação para estar onde estamos. E ser capazes de ter uma história de cobertura suficientemente bem engendrada para explicar a nossa presença ali — e, muitas vezes, explicar não é falar, é simplesmente estar. Também as ensinávamos a não darem mais explicações do que as que lhes tinham perguntado. Porque ninguém é suficientemente bom actor para mentir sempre.

Também era preciso saber seguir as pessoas, fazendo por não ser visto, sendo mais cinzento do que aquilo que nos cerca. Um oficial de informações não pode correr, pelo menos à vista do alvo, não pode atravessar a rua sem ser nas passadeiras, não deve usar óculos escuros, não deve usar roupas muito garridas nem muito miseráveis; no fundo, deve ser o mais 'low-profile' possível, para que a pessoa seguida não 'o veja'. O pior que se pode fazer é olhar para trás, porque se está a dar a quem nos segue uma informação valiosa: que estamos desconfiados. Se quer observar, um porta-moedas que cai no chão tem de ser apanhado... Enquanto se baixa para o apanhar,

## Pedro Serradas Duarte

EX-DIRECTOR DA DINFO

**IDADE** 64 anos

**CURRÍCULO ABREVIADO** Curso de Fuzileiros em 1966. Dois anos de combates na Guiné. Director do Serviço Militar de Informações (DINFO) de 1976 a 1988

**RI-SE** de cada vez que lhe chamam o «007 português»